Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo **4**(1-2): 7-15, 1992

DOSSIÊ MODOS DE VIDA

CAMINHOS DA SOCIOLOGIA NO BRASIL:
Modos de Vida e Experiência

Elisabeth Souza Lobo*

RESUMO: O artigo se propõe identificar as diversas trilhas temáticas que os estudos e pesquisas sobre as classes trabalhadoras nos anos 80 percorreram até desaguar na emergência de um novo tema unificador - os modos de vida - que desloca a ênfase das condições de vida e das práticas político-institucionais da classe operária para as práticas cotidianas e representações, as tradições e trajetórias distintas dos trabalhadores e trabalhadoras, propondo uma abordagem que, na encruzilhada da Sociologia com a História Social e a Antropologia Cultural, resgata a heterogeneidade da formação e as experiências diferenciadoras das classes trabalhadoras.

UNITERMOS: classes trabalhadoras, modos de vida, práticas cotidianas, experiência, cultura, heterogeneidade.

A tematização dos modos de vida, sob diferentes registros, nos estudos e pesquisas sobre classes trabalhadoras, coloca a necessidade de explicitar o significado e as implicações do tema. O que se está entendendo por "modos de vida"? Trata-se de um tema emergente ou reemergente?

O texto que segue se inscreve nesta ordem de preocupações.

* (I.M.) Professora do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP.

LOBO, Elisabeth Souza. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, **4**(1-2): 7-15, 1992.

Nos estudos sobre os trabalhadores, é possível identificar diferentes tradições temáticas, entre as quais a das pesquisas sobre "condições de vida das camadas populares" na linhagem do clássico livro de Engels sobre a classe trabalhadora inglesa (Engels, 1960). O tema, como observa Leite Lopes (1984), reflete em parte as preocupações dos pensadores socialistas do século XIX com os destinos dos trabalhadores fabris, e, por outro lado, remete ao discurso bio-social próprio aos relatórios sobre "as condições morais, sociais e físicas" da população laboriosa percebida como perigosa, no contexto de desordem e miséria dos primórdios de industrialização. O sistema de fábrica, articulado à miséria urbana e à desordem moral, se constitui em temática das pesquisas sobre padrões de vida, habitação e organização familiar. As condições materiais de existência, vistas por ângulos diversos, eram portadoras de uma mesma chave explicativa: das possibilidades da consciência e da revolta, e também dos instintos e más disposições que precisavam ser disciplinados e racionalizados.

Se os estudos sobre as condições de vida constituem uma das vertentes da temática, a emergência do tema dos modos de vida traz embutidas muitas preocupações, algumas delas explicitadas no relatório da jornada que organizou o *Réseau Modes de Vie* (1984). No texto de introdução, Francis Godard aponta "o dilema da sociologia dos modos de vida, dividida entre uma abordagem da vida cotidiana próxima à antropologia cultural e os estudos sócio-econômicos e sócio-políticos do processo de produção dos objetos urbanos".

Uma outra vertente também imbricada na temática dos modos de vida passa pelas pesquisas feministas centradas algumas na articulação entre práticas produtivas e reprodutivas e na importância das práticas reprodutivas (Chabaud & Fougeyrollas-Schwebel, 1986, p. 113-129), como o trabalho doméstico para a construção dos espaços e tempos sociais. Se a articulação produção/reprodução muitas vezes se limita à busca de mecanismos articuladores, o que novamente reduz as práticas sociais a uma mecânica de estruturas, as formulações de algumas pesquisas feministas no sentido de uma sociologia das relações sociais (Kergoat, 1986, p. 79-93), abriram caminho para uma problematização do gênero como relação histórica e simbólica, construída na experiência do masculino e feminino nas relações sociais e instituinte de práticas que se dão nos vários espaços sociais. Assim as representações do masculino e feminino, como a do (a) jovem, do(a) velho(a) ou do(a) migrante, sempre históricas e culturalmente localizadas, organizam a casa e a fábrica, a divisão sexual do trabalho e as relações familiares, a dinâmica do mercado de trabalho tanto quanto as formas simbólicas (Ver Hirata, 1986, p. 63-93 e Lobo et alii, 1986, p. 131-143).

Também neste contexto de emergências temáticas se inserem os estudos sobre famílias, e em particular as famílias trabalhadoras, legitimados pelos estudos sobre a reprodução e propondo uma abordagem em que "não se trata apenas da reprodução física

LOBO, Elisabeth Souza. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, **4**(1-2): 7-15, 1992.

mas do modo como se dá concretamente este processo - dentro dos padrões de existência historicamente determinados" (ver Durham, 1986, p. 201-213 e Fukui, 1986, p. 237-253). A família é vista enquanto unidade de reprodução, consumo e rendimentos, e a vida familiar "como elaboração de uma estratégia que, jogando com a mão-de-obra disponível entre atividade remunerada e trabalho doméstico, procura assegurar um determinado nível e modo de consumo" (Durham, 1986, p. 208).

Configura-se desta maneira um corpo de pesquisas próximas ao modelo descrito por Godard como "estudos sócio-econômicos e sócio-políticos" sobre "família, antroponomia e modos de vida", tendo como objetos de estudos a produção das famílias através da análise das regras de transmissão patrimonial, da mobilização material e moral das famílias nos ciclos de vida, da moral e da disciplina familiar, das relações entre trabalho assalariado, trabalho doméstico e trabalho informal e dos trabalhos e práticas femininas como fatores de transformação nas famílias populares (Godard, 1984, p. 13).

Neste conjunto, como naquele em que as pesquisas se orientam para "os efeitos práticos na vida cotidiana das políticas urbanas e a representação dos modos de vida subjacentes" (Godard, 1984, p. 14), trata-se de uma reconstituição do urbano em que se privilegia a análise das práticas sociais, mas onde o contexto que, ao mesmo tempo, faz emergir os objetos e para o qual eles estão fortemente orientados, é constituído pelos desafios colocados tanto pelas novas formas de vida urbana quanto por suas formas perversas (ver Durham, 1986 e Fukui, 1986).

Se estes são temas emergentes ou renovados, seu tratamento reproduz freqüentemente a clássica análise das práticas sociais como efeitos condicionados das estruturas. A novidade que a tematização dos modos de vida pode instaurar reside muito mais no que Godard identifica como uma aproximação entre sociologia dos modos de vida e antropologia cultural.

A proposta remete àquela sugerida por Leite Lopes ao observar que temática dos modos de vida pode desembocar numa recuperação dos temas clássicos da literatura sobre condições de vida dos trabalhadores, passando pela elaboração interna do seu pensamento e de suas práticas, configurando uma certa síntese entre os trabalhos históricos de Thompson e Hobsbawn e a visão antropológica aberta por Hoggart e que repercute nos "círculos" de influência do pensamento de Bourdieu" (1988, p. 153).

Aqui a temática dos modos de vida significa não uma extensão dos estudos sobre condições de vida ou sobre "estratégias de sobrevivência", na sua formulação sociológica, mas contém uma preocupação principal de ruptura da dicotomia entre condições e práticas subjetivas, pensadas sob a ótica da relação causa/efeito, ou de sucessivos recortes das relações sociais imputadas umas das outras ou ainda da "redução das estruturas às interações".

LOBO, Elisabeth Souza. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, **4**(1-2): 7-15, 1992.

O terceiro campo de pesquisas apontado por Francis Godard é constituído pelos estudos sobre "modos de vida da classe trabalhadora e a resistência às diversas formas de dominação nos meios populares". Aqui o objetivo principal reside na busca das especificidades das práticas de produção e consumo, das formas de sociabilidade, da vida cotidiana e especialmente das modalidades de resistência (Godard, 1984, p. 6). A noção chave para a análise das práticas sociais seria a de "interesses de classe".

Neste terceiro bloco de pesquisas são sensíveis as afinidades com as abordagens da vida cotidiana próprias à antropologia cultural[1]. As questões colocadas apontam para formas de construção dos modos de vida, não como estratégias definidas, mas como hábitos e práticas que permeiam os campos sociais.

No contexto da sociologia francesa, uma referência fundamental para esta linha de abordagem é a dos trabalhos de Bourdieu (1980). Mas indo mais longe, Leite Lopes aponta ainda as afinidades entre os trabalhos de Bourdieu e a clássica obra de Hoggart *As utilizações da cultura* (Hoggart, 1973).

É nesta síntese que reside o novo na emergência do tema dos modos de vida, especialmente nos estudos sobre as classes trabalhadoras não exclusivamente voltados para as práticas político-institucionais ou para as condições e padrões de vida e indicadores sociais, mas enfatizando as práticas cotidianas, as tradições, a diferenciação interna das classes trabalhadoras, suas representações, tanto quanto "a internalização subjetiva de suas condições materiais de existência" (Lopes, 1987).

Assim, o tema tem uma história e muitos contextos. Deles vou tratar, antes das necessárias respostas às indagações colocadas no início deste texto.

Se por um lado são várias as tradições embutidas na temática dos modos de vida, por outro lado são também distintos os contextos em que o tema emerge, as preocupações a que responde e as discussões a que remete.

O debate organizado pelo *Réseau Modes de Vie* é elucidativo para compreender o quadro em que na Sociologia francesa dos anos 70 se discutiam os modos de vida (Lacascade, 1984, p. 147-204). Em primeiro lugar, o contexto histórico-social coincide com o momento em que se desfazem os grandes projetos de transformação da sociedade e são tematizadas as formas da reprodução social e as práticas cotidianas que as sustentam. As linhas que delimitam esta emergência da cotidianidade estão desenhadas simultaneamente pelas modificações no mundo do trabalho, pela perspectiva e realidade das chamadas mudanças tecnológicas e seus efeitos sobre o trabalho, o emprego e o mercado. Ao mesmo

[1] Godard (1984, p. 8) remete a H. Lefebvre e P. H. Chombart de Lauwe, cujas pesquisas da década de 50 trabalham com o cotidiano e os modos de vida.

LOBO, Elisabeth Souza. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, **4**(1-2): 7-15, 1992.

tempo ocorrem profundas modificações na organização do espaço urbano e nas formas de sociabilidade urbana, atravessadas por uma crescente heterogeneidade de culturas e mentalidades.

Em segundo lugar, o contexto das ciências humanas francesas está marcado pela ascensão e crise das utopias, pela renúncia aos conceitos totalizadores, aos grandes sistemas explicativos[2]. Ao mesmo tempo ganham corpo e forma as temáticas anti-racionalistas, cresce a importância de uma sociologia da observação e do método biográfico de pesquisa. O quadro desta discussão fica claro na crítica feita por Lacascade, expositor do tema "Reémergences actuelles du thème des Modes de Vie", no colóquio mencionado. Para ele a temática dos modos de vida corresponde ao questionamento de uma epistemologia da causalidade, própria a uma corrente para a qual "são menos as estruturas sociais (grupos sociais, classes, lutas de classes, etc.) que determinam os modos de vida, mas ao contrário, as condutas (os modos de vida) é que seriam explicadores das estruturas sociais, através de critérios impalpáveis, originários da esfera cultural". A conseqüência do abandono da causa e da "causalidade" tem como corolário, para Lacascade, o abandono da verificação e, como conseqüência "o trabalho sociológico não consiste mais em demonstrar ou verificar mas em construir cenários" (Lacascade, 1984, p. 156).

Assim, de um lado a temática dos modos de vida é vista como resultante do "declínio" do estruturalismo e, será preciso acrescentar, do marxismo estruturalista. Por outro lado ela se insere no contexto da atomização dos conceitos totalizantes e dos sistemas abrangentes. Lacascade, com a mesma reticência envolve na conspiração dos modos de vida as pesquisas do tipo sócio-econômico, a antropologia cultural de Bourdieu, o existencialismo de Baudrillard.

O debate entre críticos e defensores da temática dos modos de vida opõe concepções distintas. Para uns os modos de vida simplesmente seriam uma outra forma dos estudos sobre a reprodução da força de trabalho, para outros os modos de vida recuperam "o velho pragmatismo anglo-saxão". Para outros ainda a temática não emerge simplesmente de um contexto em que "se abandona a análise dos determinantes mais globais e se chega a elementos mais micro...", mas se inscreve também num quadro teórico específico, resultado das aproximações entre o que se produziu na pesquisa urbana, na sociologia do trabalho e da família, nas pesquisas sobre as estratégias empresariais, as políticas de gestão de mão-de-obra, e tanto quanto dos estudos sobre a reprodução da força de trabalho. Neste sentido, precisa Elisabeth Campagnac, "o abandono da *'força de trabalho'* é decorrente do

---

[2] Lacascade (1984, p. 150) cita especialmente Lyotard (*La condition post-moderne*) e Baudrillard (*Le miroir de la production*).

LOBO, Elisabeth Souza. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, **4**(1-2): 7-15, 1992.

fato de que se chegou a uma diferenciação, à consideração da diferenciação da força de trabalho..." e que "as relações de produção funcionam justamente com estas características sociais, estas competências " (Champagnac, 1984, p. 211-212).

Também no contexto brasileiro a temática dos modos de vida pode ser vista desde várias perspectivas.

De um lado, os estudos sobre os modos de vida urbanos cristalizam o interesse e a curiosidade que despertam as cidades e seus novos atores sociais nos anos 70 (ver Bourdieu, 1988). Neste sentido, multiplicam-se as pesquisas sobre padrões de vida urbanos, formas de reprodução social, os estudos sobre famílias e estratégias familiares, sobre movimentos sociais e as formas de sociabilidade nos bairros[3]. Está-se diante do fenômeno urbano como "modo de vida" (Wirth, 1989, p. 251), e em grande parte as pesquisas pretendem fazer uma radiografia das condições de vida e das formas de reprodução da força de trabalho. Os estudos sobre as práticas cotidianas das classes populares (Zaluar, 1985, p. 39) renovam e ampliam o campo de reflexão tematizando, ao lado dos estudos clássicos sobre as práticas político-institucionais dos trabalhadores, os movimentos sociais e as práticas invisíveis de resistência na fábrica ou nos bairros.

Assim os atores emergentes invadem o imaginário social e acadêmico e se transformam em objetos de pesquisa. Uma ruptura ocorre na produção intelectual sobre os trabalhadores que orienta seu foco na tematização da heterogeneidade da formação e das experiências de trabalhadores e trabalhadoras (Paoli, Sader & Telles, 1983, p. 139), na articulação entre condições de vida, relações e práticas sociais.

Por outro lado, as perguntas colocadas pelos cientistas sociais sobre as modalidades diferenciadas das práticas reivindicativas de homens e mulheres, sobre a relação entre organização familiar e estratégias de gestão da força de trabalho, levam a uma interpelação mais geral das abordagens fragmentadas das práticas sociais, aprisionadas na lógica da causalidade que deduz das condições de vida as relações e práticas sociais, ou numa crescente fragmentação das práticas sociais.

Assim, se os estudos sobre os modos de vida freqüentemente recobrem a temática da reprodução, é certo que, mais além de delimitar um campo de estudos, servem também a outros usos, propondo uma abordagem em que o modo de vida está entendido como "algo que não se reduz aos indicadores objetivos das condições de vida e trabalho, mas que é construído através de práticas e representações através das quais os trabalhadores lidam com essas condições..." (Telles, 1987).

---

[3] Para uma visão de síntese, ver Zaluar, 1985.

LOBO, Elisabeth Souza. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, **4**(1-2): 7-15, 1992.

Aqui o modo de vida tem um estatuto de conceito que propõe um fio condutor para a análise das práticas sociais, a construção simultânea e articulada de relações sociais, das representações e do campo simbólico. Na pesquisa de Helena Hirata e John Humphrey sobre *Trajetórias e Atividades*, as trajetórias operárias masculinas e femininas são relacionadas a três fatores: a situação familiar, a qualificação profissional e a política das empresas. No trabalho de Vera da Silva Telles e Lilia Montalli, as figuras familiares e as famílias trabalhadoras são construídas a partir de experiências da diversidade que qualificam as diferentes formas pelas quais cada membro da família e as famílias nos vários momentos de sua história vivem sua condição (Hirata & Humphrey, s/d e Telles, 1987).

Os caminhos nos quais estas pesquisas se inscrevem configuram a síntese de que fala Leite Lopes e se situam na fronteira entre história social, a antropologia cultural e a sociologia das relações sociais.

Esta abordagem na encruzilhada de vários enfoques é também indicadora de um deslizamento entre uma temática dos modos de vida e uma problemática da sua construção. As relações entre os temas das condições e padrões de vida, das tradições culturais e políticas, das representações simbólicas e práticas da resistência, remetem à necessidade de "conceitos articuladores", tal como propõe E.P. Thompson, ao utilizar o conceito de experiência (Thompson, 1981, p. 188). Várias ordens de questões estão aqui imbricadas: a preocupação em romper a dicotomia entre objetividade e subjetividade, condições de vida e representações simbólicas, e em recuperar, frente à lógica dita irremediável das estruturas, os espaços onde os sujeitos transmutam estruturas em processos e se inserem na história (Touraine, 1988, p. 142).

Nos caminhos desse deslizamento, também o interesse pelo *objeto urbano*, apontado no texto deste artigo, se transfigurou no problema da "cidade como mentalidade", espaço de construção das práticas sociais, dos espaços privados e dos espaços públicos, da vida cotidiana e das formas culturais.

Neste sentido, a problemática dos modos de vida remete ainda à discussão que opõe a lógica do sistema ou do mercado à recuperação da autonomia dos sujeitos sociais na sua heterogeneidade, através das modalidades de suas experiências coletivas, vividas, representadas no campo simbólico.

Recebido para publicação em maio/1992

LOBO, Elisabeth Souza. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, **4**(1-2): 7-15, 1992.

LOBO, Elisabeth Souza. Paths of Sociology in Brazil: ways of life and experience. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, **4**(1-2): 7-15, 1992.

ABSTRACT: The article intends to identify the different thematic paths followed by studies and research on the working classes during the eighties, until faced by the rising of a new unifying subject - the ways of life. This shifts the emphasis from the conditions of life and the political-institutional actions of the working class to daily practices and representations, the different traditions and routes of male and female workers, proposing an approach which, at the crossroads of Sociology with Social History and Cultural Anthropology, redeems the heterogeinity of the constituion and the differentiating experiences of the working class.

UNITERMS: working class, ways of life, daily practices, experience, culture, heterogeinity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. Espace social et pouvoir symbolique. In: *Choses dites*. Paris, Minuit, 1988.

———. *Le sens pratique*. Paris, Minuit, 1980.

CHABAUD, D. V. & FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL D. Sobre a autonomia relativa da produção e da reprodução. In: KATCHERSKY, A. et alii. *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. p. 113-129.

CHAMPAGNAC, E. Approches sociologiques des modes de vie. In: *Réseau modes de vie*. Paris, CNRS, 1984.

DURHAM, E. A família operária: consciência e ideologia. *Dados*. São Paulo, 23 (2): 201-213, 1983.

ENGELS, F. *La condition de la classe laborieuse en Angleterre*. Paris, Ed. Sociales, 1960.

FUKUI, Lia. Estudos e Pesquisas sobre família no Brasil. In: *BIB - O que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo. ANPOCS/CORTEZ, 1986. p. 237-253.

GODARD, F. In: *Réseau modes de vie*. Paris, CNRS, 1984.

HIRATA, H. Vida reprodutiva e produção familiar: família e empresa no Japão. In: KATCHERSKY, A. et alii. *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p. 63-93.

LOBO, Elisabeth Souza. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, **4**(1-2): 7-15, 1992.

HIRATA, Helena e HUMPHREY, John. Trajectoires et Activité (réflexion à partir de l'enquête "Crise économique et division sexuelle du travail) (mimeo).

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura*. Lisboa, Presença, 1973.

KERGOAT, D. Em defesa de uma sociologia das relações sociais. In: KATCHERSKY, A. et alii. *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p. 79-93.

LACASCADE, Jean-Louis. Reémergences actuelles du thème des modes de vie. In: *Réseau modes de vie*. Paris, CNRS, 1984 p. 147-204.

LOPES, J.S. L. Anotações em torno do tema condições de vida na literatura sobre a classe operária. In: SILVA, L.A.M. (org.) *Condições de vida das camadas populares*. Rio de Janeiro, Zahar, 1984. p. 21-58.

LOPES, J. S. L. Formas de proletarização, história incorporada e cultura operária. In: LOPES, J. S. L. et alii. *Cultura e Identidade Operária - aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro, URFJ/ Marco Zero/ ROED, 1987.

LOBO, Elisabeth Souza et alii. A prática invisível das operárias. In: KATCHERSKY, A. et alii. *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

MONTALLI, Lilian & TELLES, Vera da Silva. Família e modo de vida nas classes trabalhadoras em São Paulo. *Anais do V Encontro Nacional de Estudos Políticos*. São Paulo, s/d.

PAOLI, SADER & TELLES. Pensando a classe operária - os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 3, nº 6, 1983.

RESEAU MODES DE VIE. *Approches sociologiques des modes de vie*. Paris, CNRS, 1984.

TELLES, Vera da Silva. *Conclusão do relatório preliminar de pesquisa sobre modo e condição de vida - uma análise da desigualdade na Região Metropolitana da Grande São Paulo*. São Paulo, CEDEC/DIEESE, (mimeo), 1987.

THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

TOURAINE, Alain. Sociologies et sociologues. In: *L'état des sciences sociales en France*. GUILLAUME , Marc (org.). Paris, La Découverte, 1988.

WIRTH, Louis. Le phénomène urbain comme mode de vie. In: GRAFMAYER et JOSEPH I. (orgs.). *L'école de Chicago: Naissance de l'écologie urbaine*. Paris, Aubier- Montaigne, 1989.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, Brasiliense, 1985.